

CLASSIFICADOS DA PRAÇA DE SANTOS

ARMAZENS GERAES
ANCHIETA
S/A
SANTOS

CAPITAL: Cr\$ 100.000.000,00

ESCRITÓRIO:
Rua do Comércio, 53 - Cx. Postal, 392
Tel.: - Escrit. 2-5013 - Dir. 2-4367
End. Telegráfico ANCHIETA
ARMAZENS: Telefones: 2-5028 e 2-5579

DIRETORIA

DR. J. ADHEMAR DE ALMEIDA PRADO

Diretor-Presidente

CARLOS BRAGA

Diretor-Superintendente

FABIO LEITE DE MORAES

Líder-Gerente

CONSELHO FISCAL

DR. PLINIO DE OLIVEIRA ADAMS

ELISEU TEIXEIRA DE CAMARGO

CLOVIS ALMEIDA PRADO ALVES

End. Telegr.: ALPRADO

Caixa Postal, 241

ALMEIDA PRADO S. A.

COMISSARIA - EXPORTADORA

Escritório:

RUA DO COMERCIO, N.º 55 - Prédio Rubiácea - SANTOS



Matriz: SANTOS - Rua do Comércio, 71

C. P. 589 - Fones: 2-2530 - 2-3191

Filial: R. de Janeiro: R. da Quitanda, 191

6.º and. - S. 602/603 - Fone 43-9520

Filial Paraguai: Av. Gov. Manoel Ribas, S/N.º

End. Telegr.: <UNIGERAL> e <ARMAGERAL>

ANÁLISES DE SOLOS

avaliadas conforme o procedimento moderno fazem supérfluos todos os testes trabalhosos e caros. Elas indicam a adubação racional, que garante as colheitas desejadas com grande economia de adubação. Prescrições para a tiragem de amostras. Serviço rápido e seguro.

LABORATÓRIO DE SERVIÇO DE SOLOS

PROFESSOR DR. PHIL P. VAGELER

Ao c/o da Sociedade Rural Brasileira

Rua Formosa, 367/19 - Fone: 37-8191

São Paulo

SAIBA COMPRAR...



SACOS PARA COLHEITA DE CAFÉ, só o tipo <TRÊS PONTOS>. Custom alguns cruzeiros a mais, mas duram uma eternidade.

ENCERADOS DE LONA <HELVETICA>, antimoto, 3 costuras. Impermeabilização 100% garantida.

PANOS PARA COLHEITA DE CAFÉ, em ALG. ESPECIAL, extra-forte. Confeccionados em qualquer tamanho.

Façam suas encomendas à SOC. RURAL BRASILEIRA, Rua Formosa, 367 - 19.º andar, ou diretamente à

TECELAGEM HELVETICA S.A.

Fábrica: Rua 24 de Maio, 227 - Tels.: 44-3779 e 44-3778 - Caixa Postal, 137
Endereço Telegráfico: <HELVETICA> - SANTO ANDRÉ - EST. DE S. PAULO

AOS NOSSOS PREZADOS CONSÓCIOS

Solicitamos-lhes, para normalidade dos nossos serviços, que no caso de mudança de endereços, queiram ter a gentileza de comunicar à Secretaria da Sociedade Rural Brasileira.

reias com arrebites de metal, enquanto o fazendeiro passeava pelo salão, espalhando o olhar atento e investigador sobre todos esses maquinismos.

O vapor apitou e toda aquela massa de ferros pôs-se em agitação, desprezando a ferrugem das engrenagens numa zozada barulhenta e incômoda. O movimento, a princípio lento, foi-se acelerando paulatinamente até desandar numa vertiginosa trovoadá. O sol vinha despontando quando começou esse barulho ensurdecedor que parecia a trepidação de ferros empenados, o ranger de couros em atrito, o despedaçar de panos que se vão rangendo, a misturada infernal de todos os ruídos. De repente foi arremessado com os companheiros para uma enorme boca escancarada e fomos todos engulidos por essas entranhas escuras, numa sufocação agonizante. Que horror tão dolorosa trituração!

Erram gemidos e choros espremidos entre carnes que se dilaceravam e sangue que espandava.

Arrei! Ainda desta vez tive alguma sorte: salvei-me com ligeiras escoriações pelo corpo. Fui arremessado para um saco e ouvi o maquinista gritar: — estando cheia a saca de "café cabeça" manda-a para a casa. Justamente o primeiro saco em que eu caí foi transportado à habitação para ser catado pela família do proprietário. Era costume velho: toda a família cooperava na atividade produtiva da fazenda. Catado o café para expurgar os grãos beneficiados do marinhoiro (denominação dada ao café não separado da pólpia) voltava novamente para ser sujeito ao beneficiamento, depois que se acumulava dele suficiente porção para os trabalhos da máquina. Transportado o saco, atiraram-no para um vasto salão da casa, próximo duma mesa, em redor da qual sentavam-se umas môças bonitas e algumas velhas criadas, que se ocupavam nesse afazer. Percebi que as mãos delicadas de uma das môças desataram o saco e enfiaram-se por ele a dentro. Tive um estrequecimento de suave sensação: uns dedos macios passaram suas pólpas de arminho por sobre minha epiderme escoriada. Deixei-me escorregar para a cancha dessa mão salvadora, que me conduziu com outros companheiros para cima da mesa, e começou a catação. Fiquei colocado numa das extremidades do montesinho e provavelmente até chegar a minha vez de ser catado pelos delicados dedos da donzela teria tempo de observar. Esparramei olhares curiosos pela sala observando tudo. O salão era extenso, sem fóreo, assoalho limpo e paredes bem caiadas; a mesa toca, mas os belos olhos que a rodeavam irradiando-se sobre nós, envernizavam de extraordinário brilho e beleza as suas táboas lisas. Durante longas horas monótonas, no silêncio solenote do mormaço do dia, só se ouvia o tec-tec contínuo dos dedos sobre a mesa e o chocalhar dos grãos vasados para o saco.

Na parede, um velho relógio de pêndulo fez soar as três horas.

A minha gentil salvadora teve um sorriso para a companheira:

— Amélia, disse ela, são horas de pôr a mesa; vamos suspender o serviço.

Toda a gentil assembleia levantou-se num borborinho alegre. Ouvi assustado o rumor de cadeiras que se afastam e de café que é atirado para o fundo dos sacos.

Não gostei dessa encenação nova. Iria cair de novo no maldito saco sem passar pelas mãos delicadas da minha